



Fotos José Juarez Fernandes Costa

a olímpica e uma mansão que serve ao Legislativo local

Campinas indiferente aos seus acadêmicos

WILSON MARINI
Da sucursal de Campinas

Se o cálculo tivesse alguma validade, Campinas, com seus 700 mil habitantes, certamente iria orgulhar-se de possuir um acadêmico para cada grupo de 8.750 pessoas, graças aos 80 imortais que compõem as duas academias locais. A quantidade parece nada preocupar a população, que encara a existência das duas casas com indistigável indiferença. Enquanto isso, a maioria dos escritores e intelectuais procura desenvolver suas atividades fora do restrito e formalíssimo ambiente dessas academias. E os próprios acadêmicos (autores ou não) se contentam com sua própria ostentação, consagrando o tempo a questões como a troca de insultos de um grupo a outro. Mas a produção editorial de seus integrantes é mínima.

O jornalista e escritor Eustáquio Gomes, autor de "Os Jogos de Junho" (E. José Olympio, 1981), afirma que "a natureza das escaramuças que sempre animaram as duas academias talvez tenha servido para manter à distância os intelectuais". O fato é confirmado até mesmo dentro das academias, onde o fundador de uma delas, a mais antiga, ex-vereador Francisco Ribeiro Sampaio, veterano professor de português da PUC local, afirma que "há muita gente boa fora da academia". Segundo ele, são pessoas que não se interessam, não têm tempo ou não crêem no espírito acadêmico.

O assunto voltou a ser debatido novamente em Campinas em forma de polêmica nos diversos pontos de encontro de intelectuais — nos tradicionais cafés do centro, nas livrarias (uma das quais editora), ou nos frias salas de reunião dos acadêmicos, entre um gole e outro de água mineral. E que foi anunciada, com ar de notícia bombástica, a eleição do físico Rogério Cesar de Cerqueira Leite para ocupar a cadeira de número dois da Academia Campinense de Letras. Está aberta, mais uma vez, a antiga rivalidade que separa seus 40 imortais de igual número de integrantes da concorrente Academia Campinense de Ciências, Letras e Artes.

A briga está apenas começando. O grupo não ligado às academias fez veicular este mês o suplemento "Domingo Cultural" através do matutino *Correio Popular*, já com um ataque direto aos academi-

cos: "Alguém sabe o que se discutiu nas últimas reuniões das academias Campinense e Campinense de Letras? Já notou que entre elas há uma rivalidade que não faz a cultura avançar um centímetro?", perguntou, em tom de provocação, o articulista Roberto Goto, logo no primeiro número.

"Como não foram razões de paz precipitaram a proliferação de acadêmicos, qualquer mudança na temperatura cultural serve em geral para reacender o fogo da discordância", analisa Eustáquio Gomes. Na verdade, o interesse de Cerqueira Leite — professor da Unicamp, onde dirigiu o Instituto de Artes, e autor de "Antoninho Fincapé e seu defunto", livro de contos publicado em 1976 — supera, pela primeira vez, o caráter meramente provinciano que tem caracterizado as questões acadêmicas em Campinas. E que, finalmente, um respeitável intelectual da Unicamp se aproxima "da cultura oficial da cidade, até então merecedora de mais profunda indiferença por parte de seus professores", segundo Gomes.

"Até agora, os intelectuais se limitaram a assistir à distância, com um rictus na boca, os acontecimentos culturais da cidade, sem participar", afirma Rogério. "Penso que é hora de começar a fazê-lo" desafia.

Apesar da disposição do físico em reunir-se, a cada mês, com os confrades da "Campinense", a idéia ainda não contagiou os demais pesquisadores. A maioria, residente na Cidade Universitária, no pacato distrito de Barão Geraldo, a 12 quilômetros do centro, não utiliza Campinas como local de referência, preferindo São Paulo ou Rio. Exceção ao historiador José Roberto do Amaral Lapa, da Unicamp, e ao professor Regis de Moraes, da PUC, que já integram o quadro da Campinense.

O poeta e professor de Antropologia Carlos Rodrigues Brandão afirma que "se a intelectualidade universitária se imiscuísse na vida cultural local, Campinas seria uma praça literária de primeira grandeza". E lembra nomes como Roberto Schwartz, Modesto Carone e Carlos Voggt, que "ignoram Campinas". Por isso, estão sendo sondados para se candidatarem. O professor Rubem Alves já aceitou o convite nesse sentido e deverá ser o próximo acadêmico.